

O PROCESSO DEMONÍACO DA CRIANÇA NO ROMANCE *O MORRO DOS VENTOS UIVANTES*: PERSPECTIVAS DO MAL NA LITERATURA
THE CASE OF THE DEMON CHILD IN THE ROMANCE WUTHERING HEIGHTS: PERSPECTIVES ON EVIL LITERATURE

Margarida Pontes Timbó¹

RESUMO: Este artigo aponta possibilidades de leitura a partir dos estudos relacionados à infância e a noção do mal na literatura. O debate foi possível a partir de dois trajetos: a) a leitura do romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, da escritora inglesa Emily Brontë (2007); b) o estudo analítico feito acerca do mal na literatura com base nas aulas do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará. O trabalho procura articular alguns aspectos demoníacos da criança, sobretudo, aqueles visualizados da personagem Heathcliff capazes de aproximá-lo das perspectivas do mal discutidas por Ricoeur (1988) e Bataille (1989). Esperamos que o texto possibilite uma análise sistemática do mal e o modo como se apresenta na infância de alguns personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Infância. Mal

ABSTRACT: This article points out possibilities of reading from the studies related to childhood and the notion of evil in literature. The debate was possible from two paths: a) reading the novel *The Wuthering Heights*, the British writer Emily Brontë (2007); b) the analytical study done about evil in the literature based on the lessons of the Post Graduate in Arts, Federal University of Ceará. The work seeks to articulate demonic aspects of the child, especially those seen in the character Heathcliff able to approach it from the perspective of evil discussed by Ricoeur (1988) and Bataille (1989). Hopefully the text enables a systematic analysis of evil and how it presents in childhood of some characters.

KEYWORDS: Literature. Childhood. Evil

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura fazer um intercâmbio entre as leituras acerca da infância e a categorização do mal, ambos a partir da literatura. A discussão ocorre com base em duas direções: a leitura do romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, da escritora inglesa Emily Brontë (2007) e o estudo analítico feito acerca do mal na literatura, a partir da bibliografia da disciplina Seminário Temático I, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará.

O artigo identifica alguns aspectos considerados demoníacos e que afloram na criança, especialmente, observados no personagem Heathcliff. Desse modo, procuraremos aproximá-lo sob pontos tangentes e divergentes às perspectivas do mal na literatura, discutidas por Ricoeur (1988) e Bataille (1989).

¹ Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará.

Desejamos que este texto proporcione o estudo crítico e sistemático do mal na literatura e o modo como se manifesta na infância de alguns personagens.

AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA

A infância como categoria histórica foi se consolidando a partir das imagens criadas sobre esta fase do sujeito em devir. Mais do que uma etapa da vida, ela configura-se como um estado permanente do indivíduo que busca conhecer-se a si mesmo redescobrimo as origens e o futuro. Segundo a professora e pesquisadora Fernanda Coutinho,

[...] no imaginário das idades da vida, a infância marca a importância da origem, a *arché* dos gregos, e ultrapassa a representação do indivíduo, recobrimo tanto a ideia da criança em si mesma quanto a de um período primordial: o tempo da infância do mundo (COUTINHO, 2012, p.21).

Deste modo, os estudos sobre a infância e a criança perpassam diversas áreas do conhecimento. É comum observarmos diálogos com a Literatura, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Filosofia, dentre outras. No tocante à literatura, muitos ficcionistas optam por estudar a infância a partir de

uma linha sociológica, descrevendo crianças de diversos meios como crianças rurais, crianças da burguesia etc. Esforçam-se também, por vezes, por suscitar uma reflexão pedagógica. Frequentemente um objetivo polêmico domina: a visão da criança é utilizada para criticar a sociedade. Enfim, um aspecto metafísico revela-se quando um escritor se interroga sobre o significado do homem no universo e volta-se para a criança na esperança de descobri-lo (CHOMBART DE LAUWE, 1991, p.11).

Nesta direção percebemos que, durante muito tempo a criança foi entendida como reflexo de seu tempo. “A criança se torna objeto da consciência, sob forma de imagens, conceitos, representações, e como este objeto, através do veículo da personagem, se torna uma linguagem entendida pelos leitores” (CHOMBART DE LAUWE, 1991, p.15).

Assim, a noção de infância foi uma construção social que acompanhou a evolução do tempo. Além disso, todos os acontecimentos que perpassaram a história da infância serviram para estruturar uma nova caracterização da criança, do ponto de vista sociológico, como um componente histórico-cultural moldada por condicionantes econômicos e políticos atuando diretamente sobre ela. Segundo Philippe Ariès, em

História social da criança e família (1981), o termo “infância” nem sempre teve a acepção da atualidade. No mundo medieval a noção de infância foi ignorada, não se percebia o período transitório entre a infância e a idade adulta. A criança era vista como um “adulto em miniatura”, inclusive, é comum em algumas pinturas observá-la dessa maneira, reforçando a visão teocêntrica do mundo medieval, para a qual retratar a humanidade não era essencial. O caráter e a inteligência da criança eram tidos como inatos ao ser humano. Um nobre, por exemplo, que fosse criado por camponeses, nunca perderia sua essência de *gentleman*, enquanto a um pobre lavrador nunca poderiam ser ensinadas boas maneiras.

Santo Agostinho (354-430) vê a criança como uma criatura com vontade própria, igual a um adulto, ou seja, maculada pelo pecado original, visão predominante até o século XII. Anos depois, Martinho Lutero mantém a postura de que adultos e crianças são detentores do pecado original. Contudo, ele se contradiz ao se referir às crianças de até os 6 anos como “os pequenos ingênuos de Deus” (OSMENT, 1983, p.164 apud HEYWOOD, 2002, p.50).

John Locke, em seu influente livro *Concerning education* (1693), traz uma nova visão sobre a criança, considerando-a um ser fraco que precisava de ajuda, uma tábula rasa, uma folha em branco. Do século XX até hoje, há um equilíbrio entre o inato e o adquirido.

No Iluminismo por sua vez, a criança passou a ser vista não somente como um ser inocente, mas também como um ser ignorante, que deveria ser civilizado e educado: “Há dois aspectos do sentimento da infância do século XVIII, a inocência que é preciso conservar e a ignorância ou a fraqueza que é preciso suprir ou tornar razoáveis” (ARIÈS, 1981, p.149).

Contudo, foi Jean Jacques Rousseau, por volta do século XVIII, que se opôs à tradição cristã do pecado original e considerou a criança como um ser inocente por natureza. Assim sendo, percebemos que historicamente, passou-se por diversas concepções de infância:

[...] primeiro vendo a criança como um adulto em miniatura; depois concebendo-a como um ser essencialmente diferente do adulto, depois... Fomos acreditando sucessivamente que a criança é uma tabula rasa, onde se pode inscrever qualquer coisa, ou que seu modo de ser adulto é predeterminado pela sua carga genética, ou ainda que as crianças do sexo feminino já nascem carentes de pênis... (LAJOLO, 1997, p.228)

Assim sendo, somente a partir do século XVIII podemos considerar que houve uma evolução e um novo hábito da burguesia, agindo em maior acordo com a acepção mais moderna do termo infância.

HEATHCLIFF E SEU PROCESSO DEMONÍACO

A partir das diversas concepções de infância que discorremos anteriormente, apontaremos agora para a visão negativa adquirida pela criança, historicamente, sobretudo, quando alguns autores demonstram menosprezo pela infância:

No século V, nas páginas de louvor que são as *Confissões*, Santo Agostinho (354-430) deixa transparecer um pensamento depreciativo com respeito à idade infantil, dissociando-a tanto da noção de inocência, a ponto de não mostrar hesitação em questionar o habitual sentido do célebre texto bíblico a ela dedicado, ao contra-argumentar: “Por conseguinte, apenas louvaste, ó nosso Rei, na estatura das crianças símbolo da humildade, quando dissestes: Delas é o reino dos céus”. Santo Agostinho julga, porém, digno de exaltação o amor divino, ainda que Deus não o fizesse viver “além da infância” (COUTINHO, 2012, p.28).

Ao tentar desassociar a criança da noção de inocência, Santo Agostinho deixa margem para pensarmos na própria maldade inerente ao ser humano, e, mais especificamente, refletirmos acerca da maldade que se manifesta já na infância. Pierre Gisel, ao prefaciar o livro *O mal um desafio à filosofia e à teologia*, de Paul Ricoeur (1988) coaduna da mesma noção de Agostinho, ao sugerir que o mal para Ricoeur faz parte do homem:

Meditar sobre o mal é, para Paul Ricoeur e toda a tradição que ele retoma, afirmar uma falha ao coração de todo o enclausuramento do ser total e, radicalmente, apoiar-se nesta ruptura para ser. Neste sentido, o mal (tal como Deus) não é intra-temporal; acontece, de “uma vez por todas”, perante aquilo a que minha liberdade efetiva é somada chamada e provocada a existir (GISEL, 1988, p.18).

Desta forma, pretendemos pontuar neste texto os aspectos ligados ao mal que fazem do personagem Heathcliff um sujeito diabólico desde a infância.

Mas, apesar disso, eu não conseguia simpatizar com Heathcliff e não entendia o que meu patrão via naquele garoto taciturno, que nunca, ao que me lembre, lhe mostrara gratidão por sua indulgência. Não era insolente para com seu benfeitor; era apenas insensível, mesmo sabendo perfeitamente bem que ocupava um lugar especial no seu coração e tendo consciência de que bastava falar para que toda a casa tivesse que se dobrar aos seus caprichos (BRONTË, 2007, p.37).

Neste fragmento do romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë (2007) visualizamos nas palavras da narradora-personagem Nelly Dean, que conta a história de Heathcliff e Catherine Linton para o seu patrão o senhor Lockwood, o quanto as descrições do personagem Heathcliff, ainda menino, estão associadas ao mistério e ao enigma que permearão sua insensatez e caráter desde a infância.

Sabemos que foi na estética romântica onde teve grande notoriedade o mito da infância. No poema “My Heart Leaps Up” (“Eu sinto o coração bater mais forte” – tradução de Paulo Vizioli), do escritor inglês Wordsworth (1988), percebemos o aspecto ontológico no verso: “o menino é o pai do homem”. Segundo Coutinho há neste poema, “a permanência do espírito infantil, entendido como seiva vital, capaz de proporcionar a comunhão anímica com o cosmos” (COUTINHO, 2012, p.33).

Nesta perspectiva, o mal estará presente na infância e em toda a vida do personagem Heathcliff, seja por meio das atitudes dos outros em relação ao menino, seja por meio das suas próprias posturas:

Era uma criança taciturna e paciente, talvez endurecida pelos maus-tratos: aguentava as pancadas de Hindley sem pestanejar ou derramar uma lágrima, e os meus beliscões só o faziam assumir um ar de espanto, como se houvesse se machucado acidentalmente e ninguém fosse culpado. [...] Assim, desde o princípio, ele acumulou ódios na casa, e quando a senhora Earnshaw morreu, o que ocorreu menos de dois anos depois, o jovem patrão aprendera a olhar o pai como opressor em vez de amigo, e a ver Heathcliff como usurpador do afeto do pai e de seus privilégios (BRONTË, 2007, p.36 e 37).

Observamos nesta descrição de Heathcliff, que ele é um garoto estigmatizado por todos da família Earnshaw, especialmente, pelo irmão de criação Hindley. Além disso, o preconceito contra sua raça cigana e seus modos talvez favoreçam determinados comportamentos de Heathcliff. Assim também, notamos neste personagem uma espécie de sadismo associado à infância que de acordo com Bataille caracteriza-se:

como a destruição contemplada, a destruição mais amarga sendo a morte do ser humano. É o sadismo que é o Mal: se se mata por um proveito material, não é verdadeiro Mal, o Mal puro, já que o assassino, além do proveito obtido, tem prazer em ter feito (BATAILLE, 1989, p.14).

O menino Heathcliff sente enorme prazer em executar atitudes mordazes àqueles que lhe destratam. Assim, o mal está ligado a uma espécie de revolta que transgredir as convenções e regras sociais.

Dizendo isso, ela encarou preocupadamente para os dedos dele, que ela segurava na mão, e depois para o seu vestido, que ela temia haver sujado por causa de seu contato com ele.

- Você não precisava ter me tocado! – lançou ele, seguindo o olhar dela e recolhendo a mão. – Estou sujo porque quero; gosto de estar sujo e quero estar sujo (BRONTË, 2007, p.51).

Notamos pela citação acima que, consiste num diálogo entre Catherine Linton e Heathcliff, o quanto o garoto não se importa com o fato de estar diferente da outra menina. Assinalamos que existe grande vontade do menino em transgredir as leis sociais, seu comportamento ilustra a forma de desobediência quando assevera que “está sujo porque quer”. Ou seja, a liberdade representa neste discurso a violação, assim o mal pode ser compreendido como infração de um regulamento: estar sujo é estar livre de qualquer norma; de qualquer coerção. Contudo, para os demais personagens, se Heathcliff é diferente, ele simboliza o mal para todos que o cercam.

Outro dado sintomático na caracterização da maldade deste personagem ocorre porque ele demonstra a forma como a criança é capaz de se comprazer com a maldade que pratica:

[...] Apoiou os cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos, e permaneceu mergulhado em profunda meditação. Quando perguntei em que pensava, respondeu gravemente: - Estou tentando imaginar como me vingarei de Hindley. Não me importo de esperar, desde que no fim consiga o que quero. Só espero que ele não morra antes!

- Que horror, Heathcliff! – exclamei. – Cabe a Deus castigar os maus; nós devemos saber perdoá-los.

- Não, Deus não terá a satisfação que eu terei. – respondeu ele. – gostaria apenas de saber qual a melhor maneira! Deixe-me a sós, preciso pensar; enquanto penso, não sofro... (BRONTË, 2007, p.56)

Assim, as atitudes de Heathcliff não são inocentes, tão pouco inconscientes, haja vista sua possibilidade de liberdade, sobretudo, se tomarmos como parâmetro a visão do mundo da infância, fase esta em que o sujeito encontra-se desprendido de todas as regras éticas e sociais. O sofrimento para o referido personagem nada mais é do que a consciência de que sua realidade não satisfaz as reais condições de sobrevivência, ou seja, ninguém o reconhece como pessoa digna, merecedora de respeito, afeto e amizade. Catherine, sua companheira e amada seria talvez a única pessoa a quem o menino deposita algum sentimento bom. No entanto, com a rejeição futura da menina, ele começará a nutrir por ela o desejo de vingança e o júbilo ao praticar atos cruéis. Sob esta relação assim Bataille argumenta:

É a vida passada em corridas selvagens pela charneca, no abandono das duas crianças, que então não sofria nenhuma coerção, nenhuma

convenção (senão a que se opõe aos jogos da sensualidade; mas, em sua inocência, o amor indestrutível das duas crianças se colocava num outro plano) talvez mesmo este amor seja redutível à recusa de renunciar à liberdade de uma infância selvagem, que as leis da sociabilidade e da polidez convencional não modificaram (BATAILLE, 1989, p.14).

Assim, essa infância, longe das convenções sociais, representa a liberdade que Heathcliff recusa abandonar quando jovem e adulto. Desta forma, pensamos que o mal acaba determinando a vida deste personagem como efeito do livre arbítrio e do sadismo, como já salientamos. O mal para Heathcliff ocorre com autonomia, um procedimento e escolha. A desgraça trazida no mal apresenta certas gradações porque impossibilita a civilização. Para Ricoeur, o infortúnio relacionado ao criador e a criatura permite compreender a preferência assumida pelo sujeito em relação ao mal:

Um outro conceito negativo, associado ao precedente, toma lugar de uma distância ôntica entre o criador e a criatura que permite falar de deficiência daquele que é criado enquanto tal; em virtude desta deficiência, torna-se compreensível que criaturas dotadas de livre escolha possam “declinar-se” longe de Deus e “inclinarem-se” em direção ao que tem menos ser, em direção ao nada (RICOEUR, 1988, p.32).

O menino Heathcliff é dotado de livre escolha, assim sendo, o aprofundamento demoníaco da liberdade humana pode ser entendido com “a sobriedade de um pensamento sempre atento à não transgressão dos limites do conhecimento e à preservação do distanciamento entre pensar e conhecer através do objeto” (RICOEUR, 1988, p.38). No instante em que Heathcliff esclarece: “enquanto penso não sofro” (BRONTË, 2007, p.56), notamos a indicação do modo pelo qual a liberdade do pensamento mal carrega a consciência da revolta que o personagem possui dentro de si. Por conseguinte, o protagonista do romance apresenta o mal moral porque escolhe trazer sofrimento aos demais personagens.

Nesse sentido, podemos pensar no processo demoníaco por que passa Heathcliff desde sua infância, pois é a partir deste momento que surge o desabrochar de sentimentos como a ira, revolta e orgulho nas ações do personagem:

- Ele vai provar é a força da minha mão se o pegar aqui embaixo antes do cair da noite – gritou Hindley. – Fora daqui, seu vagabundo! O quê, você está tentando bancar o elegante, não é? Espere só até eu lhe puxe o cabelo... e veja se ele não fica mais comprido!
- Já está comprido demais comentou sem qualquer intenção de insultar; mas o temperamento violento de Heathcliff não estava preparado para suportar qualquer impertinência daquele a quem ele parecia, já então, odiar como a um rival. Pegou uma terrina cheia de

molho de maçã quente (a primeira coisa que encontrou) e despejou-a no rosto e no pescoço de Edgar, que imediatamente pôs-se a gritar, fazendo com que Isabella e Catherine acorressem (BRONTË, 2007, p.54).

Pela leitura do trecho podemos observar a construção demoníaca da criança, isto é, as maldades de Heathcliff nada mais são do que as consequências do seu instinto de prazer e liberdade. Essa ação diabólica da criança contrapõe com a ideia da puerícia infantil e traz uma noção de menosprezo à infância em consonância com o privilégio da maldade. No caso de Heathcliff, esse menosprezo permeia toda sua vida de maneira soberana. Portanto, o mal também estaria associado ao poder, pois quando ele retorna ao Morro dos Ventos Uivantes, na condição de adulto e rico, a pulsão da maldade permite o reaparecimento de suas convicções mais insanas.

Não há na literatura romântica um personagem que se imponha mais realmente, e mais simplesmente, que Heathcliff; se bem que ele encarne uma verdade primeira, a da criança revoltada contra o mundo do Bem, contra o mundo dos adultos, e, por sua revolta sem reservas, devotas ao partido do Mal (BATAILLE, 1989, p.17).

Destarte, Heathcliff desde a infância talvez escolha o mal enquanto forma de resistência contra todos os transtornos e castigos sofridos por ele.

No tocante à infância, o pesquisador Walter Kohan (2005) no primeiro capítulo do seu livro *Infância. Entre educação e filosofia* sintetiza o modo pelo qual a infância é tratada pelos gregos de forma filosófica e histórica com base nas concepções de Platão. Assim, Koan esclarece:

Os primeiros momentos são os mais importantes na vida, diz “Sócrates”. Por isso não se permitirá que as crianças escutem os relatos que contêm mentiras, opiniões e valores contrários aos que se espera deles no futuro. Porque se se pensa a vida como uma sequência em desenvolvimento, como um devir progressivo, como um fruto que será resultado das sementes plantadas, tudo o que venha depois dependerá desses primeiros passos. As marcas que se recebem na mais tenra idade são “imodificáveis e incorrigíveis”. Por isso deve-se cuidar especificamente dos primeiros traços, por sua importância extraordinária para conduzir alguém até a virtude (KOHAN, 2005, p. 39).

Talvez essas marcas indóceis e a falta de virtude transformaram a infância de Heathcliff em algo diabólico. Desse modo, o sofrimento adquire a noção de coletividade, haja vista que este personagem é responsável pelo padecimento dos outros, moral, físico e emocionalmente. Assim, vemos na infância de Heathcliff a impressão de que não há como matar o instinto de perversidade, pois este lhe é inseparável:

Como exemplo, lembro-me uma vez em que o senhor Earnshaw comprou um par de potros na feira local e deu um a cada um dos rapazes. Heathcliff escolheu o mais bonito, mas ao ver que mancava, disse a Hindley:

- Você tem que trocar de cavalo comigo; não gosto do meu. Se você não fizer isso, contarei a seu pai que você me deu três surras esta semana e mostrarei o meu braço, que está todo roxo até o ombro. Hindley mostrou-lhe a língua e deu-lhe um bofetão nas orelhas. – é melhor você fazer logo o que eu lhe digo – insistiu Heathcliff, correndo para a varanda (estavam na cavalaria). – Você vai ter que obedecer de qualquer jeito. Se eu falar das surras, você vai recebê-las em dobro. – Fora cachorro! – gritou Hindley, ameaçando-o com uma balança de ferro, que usávamos para pesar feno e batatas. – Jogue-a – replicou Heathcliff, sem pestanejar – e eu contarei que você disse que me expulsará de casa assim que seu pai morrer! Veremos se não é você quem é logo expulso! (BRONTË, 2007, p.37)

Notamos nas palavras do menino Heathcliff a autoconfiança e a perspicácia de um discurso ameaçador e atroz. Além disso, a astúcia com que inveja o cavalo do irmão indica que a maldade não é apenas o ato cruel em si, mas a potencialidade de um discurso peculiar. Conforme Ricoeur o problema do mal “exige a convergência entre pensamento, ação (no sentido moral e político) e uma transformação espiritual de sentimentos” (RICOEUR, 1988, p.47). Contudo, essa transformação física e sentimental em Heathcliff não ocorre porque ele constituiu-se como simbologia do demônio desde criança, afinal o próprio discurso narrativo aponta para isso.

Outro dado curioso que merece destaque está localizado no movimento duplo de animosidade e repulsa entre Hindley e Heathcliff. Estes sentimentos mantêm-se como forma de resistência na trajetória de vida dos dois personagens. No trecho abaixo vemos Heathcliff, ainda menino, enraivecido com a arrogância de Hindley:

- É uma pena que ele não possa se matar de tanto beber – observou Heathcliff, resmungando de volta um rosário de pragas assim que a porta se fechou. – Está fazendo o possível, mas seu organismo resiste a tudo. O senhor Kenneth disse ser capaz de apostar a sua égua que ele sobreviverá a todo mundo deste lado de Gimmerton, e irá para o túmulo carregado de pecados; a não ser que, por sorte, lhe aconteça algum desastre (BRONTË, 2007, p.70).

Em outros termos, Heathcliff faz o irmão sofrer na infância; Hindley resiste e se vinga fazendo Heathcliff sofrer na juventude; novamente, Heathcliff traz padecimento a Hindley, na velhice. Há neste romance uma espécie de construção em abismo que se inicia na infância, onde o mal começa como forma de rebeldia até modificar-se e consolidar-se com a morte, afinal parece ser este momento o mais doloroso e livre para o romantismo.

Desta maneira, o Mal, considerado autenticamente, não é só o sonho do malvado, ele é de algum modo o sonho do Bem. A morte é a punição, procurada, acolhida, deste sonho insensato, mas nada pode fazer que este sonho não seja sonhado (BATAILLE, 1989, p.18).

Conseqüentemente, a transformação demoníaca de Heathcliff, de criança a adulto, encontra na infância a explicação para os desejos mais sórdidos, ligados à morte, ao fim e a incompletude. Podemos falar ainda de uma infância firmada na ausência da pureza que determina à criança e da associação do mal como sistema libertário, pois é preciso muita coragem para ser livre:

Assim se desenvolvem vários caminhos, como um feixe múltiplo, de que cada um, se se consideram os principais antagonistas do drama, traduz uma liberação total em relação à sociedade e à moral. Há uma vontade de ruptura com o mundo, para melhor enlaçar a vida em sua plenitude e descobrir na criação artística o que a realidade recusa (BATAILLE, 1989, p.19).

Dessa maneira, o demônio que habita em Heathcliff menino, conseguirá sair de seu interior somente no final da vida do personagem, porém manifesta-se em todas as ações narrativas. Além disso, a representação do demônio que reside no personagem indica a forma como terminará o romance, ou seja, o texto revelará a criança em seu interior, ou melhor, “o diabo” que possui desde a infância:

- Há alguma razão para isso? – perguntei. – Diga-me por que está tão esquisito, senhor Heathcliff. Onde esteve ontem à noite? Não estou perguntando por mera curiosidade, e sim porque...
- Está sim, perguntando por mera curiosidade – atalhou ele, com uma risada. – Mas vou responder. Ontem à noite estive às portas do inferno. Hoje tenho o meu céu à vista, nem um metro me separa dele! E agora é melhor você ir embora! Não verás nem ouvirá nada que a assuste se não for bisbilhoteira (BRONTË, 2007, p.287).

Na citação acima observamos a presença de um personagem, não mais criança, mas que deixa transparecer o mal dentro de si com alegria e insanidade “infantis”, assustando e confundindo a cabeça da governanta Nelly Dean. Atribuímos esses comportamentos à infância porque localizamos no trecho anterior a relação do pai (Nelly Dean) perguntando ao filho (Heathcliff) o porquê de tanta felicidade. No entanto, o menino, embevecido em seus pensamentos jamais contará ao pai o motivo de seu contentamento. Deste mesmo modo, compreendemos o regozijo de Heathcliff, afinal poderá encontrar-se com o diabo que ele acredita ser. Mais adiante a narradora do romance intensifica essa ideia do seguinte modo:

“Será ele um demônio, ou um vampiro?”, perguntei-me. Tinha lido a respeito desses horríveis demônios. Mas logo pensei em como cuidei

dele na infância, o vi crescer e acompanhei quase toda sua vida – e como era absurdo entregar-me a tão horríveis suposições. “Mas de onde ele veio, de onde veio aquele menino escuro, trazido por um bom homem para o próprio lar?”, murmurou a superstição enquanto eu adormecia. E comecei, em meio ao sonho, a imaginar quem seriam seus pais; e, ecoando meus pensamentos acordada, passei novamente em revista a existência dele, com soturnas variações que culminariam com sua morte e seu funeral, do qual tudo o que recordo é de não saber que inscrição ditar para sua lápide e ter de consultar o coveiro a respeito; e, como ele não tinha sobrenome e não sabíamos sua idade, seríamos obrigados a contentar-nos com apenas uma palavra: ‘Heathcliff’ (BRONTË, 2007, p.288).

Desta forma, a narradora acaba reforçando as incógnitas contornadas na história de Heathcliff. Todo o mistério em relação ao seu nascimento, de certo modo, permanece na sua infância, juventude (afinal desaparece e ressurge rico misteriosamente), bem como na sua morte, evidenciando a ausência de nenhum conhecimento acerca de sua origem.

Isso leva-nos a impressão de que Heathcliff pode ser a criança demoníaca porque é o próprio filho do diabo. Nesse sentido, o processo demoníaco nada mais é do que a manifestação de seu *gens* como também o fato de ter destruído todos que o maltrataram com sadismo e crueldade.

Portanto, nossa leitura do romance aponta que, o processo demoníaco do menino (e agora homem) Heathcliff consiste na recuperação de uma infância alegórica; sem pai, mãe ou qualquer vínculo com o passado que não seja o mal enquanto fonte de libertação, prazer e escolha.

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Tradução de Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- BRONTË, Emily. *O Morro dos Ventos Uivantes*. Tradução de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Landmark, 2007.
- CHOMBART DE LAUWE, Marie-José. *Um outro mundo: infância*. Tradução de Noemi Kon. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- COUTINHO, Fernanda. *Imagens da infância em Graciliano Ramos e Antoine de Saint-Exupéry*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2012.
- GISEL, Pierre. Prefácio. In: RICOEUR, Paul. *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Tradução de Maria Piedade Eça de Almeida. Campinas, SP: Papirus, 1998.

- HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância. Da Idade Média à Época contemporânea no ocidente*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Artmed, 2004.
- KOHAN, Walter O. *Infância. Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- LAJOLO, Marisa. “Infância de papel e tinta”. In: FREITAS, Marcos César (org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- RICOEUR, Paul. *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Tradução de Maria Piedade Eça de Almeida. Campinas, SP: Papyrus, 1988.
- WORDSWORTH, W. *Poesia selecionada*. Tradução de Paulo Vizioli. São Paulo: Mandacaru, 1988.